

DIMAS, Samuel, **A Metafísica da Saudade em Leonardo Coimbra. Estudo sobre a Presença do Mistério e a redenção integral**, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2013, 502 p., 235 x 160, ISBN 978-972-54-0382-2.

Este volume contém as duas últimas partes da dissertação de doutoramento do autor, completando aquele que aqui acaba de ser recenseado. Centrado na versão leonardina da filosofia da saudade, que, de algum modo, pode ver-se sugerida na trilogia que serve de título a uma das obras mais conhecidas e mais conseguidas do pensador da Lixa – *A Alegria, a Dor e a Graça* – lida ainda com outra categoria de fundo do seu pensamento, que é a do Mistério do Ser. Em diferença do seu amigo e vizinho de terra Teixeira de Pascoaes, Leonardo procura pensar no interior do credo católico a que aderira de alma e coração desde que a ele se converteu e por ele procura afinar o seu próprio pensamento, sem, pelo facto, perder em criatividade e originalidade. As diferenças essenciais podemos identificá-las na base do seu criacionismo, no duplo sentido de, nele, Leonardo acolher o ser do homem e do mundo como dádiva graciosa da acção criadora de Deus e de ver a acção humana e cósmica como obedecendo a uma contínua tensão criadora que, desde a radical e inicial Origem, se encaminha para o acolhimento de uma divina Graça final por onde advém, ao homem e ao Universo, a Redenção. Em diferença dele, o Poeta de Amarante – lidando com uma noção de ser e de existir algo semelhante, em análogo círculo de uma Origem, um «plano médio» e um *Éschaton* redentor – tornara-se errático em relação ao genuíno credo cristão e católico ao conceber esse círculo como descrevendo, à maneira neoplatónica e gnóstica, três momentos de um processo de emanção e de regresso pelo exclusivo esforço do homem na direcção – que não na consumação – de um reino de Deus como obra do mesmo homem.

Samuel Dimas começa este seu estudo com uma extensa Introdução, em que faz uma minuciosa análise reflexiva sobre as noções de sentimento e de sentimento saudoso, procurando mostrar, na base de contributos de variados pensadores e da sua própria reflexão, as virtualidades cognitivas e existenciais da saudade. Curiosamente, não faz uso, para o caso, da análise que, embora em referência particular ao poeta e «filósofo da saudade» por excelência, o autor destas linhas elaborou no seu livro *O Pensamento de Teixeira de Pascoaes* (Braga, 1996), um estudo onde, sem pretensiosismo do seu autor, poderia colher ideias de interesse sobre a saudade metafísica. Até em razão da mútua amizade e influência de um no outro dos dois pensadores, e mais provavelmente (como é presumível pela cronologia das obras) de Pascoaes em Leonardo.

Já em referência a Leonardo Coimbra, Samuel Dimas realça que a saudade tem uma dimensão metafísica, leva consigo a Memória da Alegria matinal quer do próprio Criador, de onde tudo recebe o ser, quer da criatura humana em quem – aqui semelhante a Pascoaes – aparece particularmente límpida e clara no tempo da infância. A partir daí ela emerge da consciência

não resignada do decaimento da vida em ignorância, finitude e sofrimento. E é aqui que emerge também o desejo do regresso ao Paraíso originário ou da Redenção. A Graça, que foi a marca da Origem e a origem do ser, torna-se agora graça da Redenção como dádiva de um Deus pessoal. Por essa graça «o mundo físico e moral unem-se em perfeita comunhão na relação amorosa do seio de Deus» (p. 39). A ideia criacionista de um Universo em «eterna acção criadora, original e inventiva» (p. 41) conjuga-se assim com a ideia saudosista de uma saudade que, embora nostálgica do Passado, é toda ela orientada para o Futuro absoluto de uma redenção universal.

O texto divide-se depois em duas grandes partes, a primeira dedicada à experiência da saudade em Leonardo Coimbra e a segunda à experiência metafísico-religiosa do Mistério e a redenção integral.

Dimas procede à explanação sistemática do seu estudo seguindo os grandes «momentos» e etapas do círculo que a saudade, em seu poder simbólico, sugere e eles mesmos sinteticamente sugeridos na trilogia do título *A Alegria, a Dor e a Graça*. Começa pela Alegria, que em Leonardo se liga com uma suposta «criação primeira» antes do tempo e da história, em que as almas viviam no seio de Deus em «criadora eternidade original» (p. 58), uma Alegria que, saudosamente, aparecerá depois reflectida, já dentro da «segunda criação», na alegria espontânea da infância. Uma ideia leonardina que seria bom confrontar com a da ortodoxia judeo-cristã, segundo a qual as criaturas pré-existem na eternidade de Deus, não porém como já criaturas, mas apenas como pensamento eterno e eterna intenção amorosa de as criar, numa criação que será participação na superabundância do ser divino – e que, por isso, é positiva (posição no ser) –, que não verdadeira «queda» (com sabor a criação negativa) de uma pré-existência já então em modo de criaturas. O autor fá-lo na p. 71, em relação à «criação segunda». A ideia de «criação primeira» como verdadeira criação permanece todavia obscura, compreensível na linguagem poética de Leonardo mas, possivelmente, carecida de maior descodificação e clarificação racional (filosófica). Samuel Dimas acolhe, felizmente, este desafio e procura dar-lhe seguimento em desenvolvimento reflexivo no apartado 1.4 do seu estudo. Como quer que seja, a «segunda criação», representando uma «queda», nem por isso se assemelha à ideia platónica do mundo como desterro. A criatura humana é chamada a transfigurar o mundo, que não a fugir dele para o mundo divino. Aqui (vd. pp. 78-79) Samuel Dimas evidencia (ou o faz mais claramente) o distanciamento de Leonardo relativamente a Platão.

Na trajectória circular desenhada pelas criaturas, segue-se a fase do tempo ou da «queda» e, com ela, da Dor. É a fase da «visão aginástica ou diurna», contraposta à «visão ginástica ou nocturna», onde emerge a saudade com a sua «visão misteriosa da origem» (p. 112), como memória da origem que despoleta o desejo ou a saudade do futuro, a realizar numa ascensão em graça para o reencontro na origem. É a fase do ser no tempo e na Dor, em ânsia de ultrapassar

em absoluto um e outra. Samuel Dimas realça aí a ideia da originária unidade divina, de que a Criação aparece como cisão – uma ideia que em Pascoaes se exprime na «cisma» ou «cismar» típicos da saudade (Vd. o. c. de J. Coutinho, p. ex., pp. 115-116 e 153-154) – e a saudade como sentimento da sua ausência com desejo de regresso a essa comunhão e harmonia originárias onde o amor é super-abundante.

Num terceiro capítulo desta primeira parte, é a vez da temática do regresso ao Éden primordial. Samuel Dimas sublinha, e bem, a fundamental diferença em relação a Pascoaes (p. 194) e à sua concepção panteísta. O regresso não será, por isso, como é naquele, obra do homem ou do mundo por suas próprias forças, mas acção da Graça, entendida como «a noção ontológica da infinita e absoluta Presença do livre Amor divino, manifestando nas forças criadoras da realidade temporal o sorriso do seu desinteressado excesso, em ascendente percurso de espiritualização para o Paraíso perdido da plenitude celestial» (p. 195). O próprio determinismo físico, finalisticamente direccionado, obedece à acção da divina Graça criadora e redentora. Superando a concepção platónica, de um dualismo radical, Leonardo entende assim a acção da Graça como auxílio sobrenatural que permite ao mundo fragmentado e imperfeito a progressiva superação da sua imperfeição e a sua ascensão para a Glória celestial. Com a mediação de Cristo por Quem «as almas dos que o amam são já na terra um pedaço do Céu» (p. 225, citando L. C.). Num quarto apartado deste capítulo, Samuel Dimas detêm-se na diferença leonardina entre a razão enigmática do conhecimento natural e a razão mistérica do conhecimento amoroso próprio do «lirismo metafísico», um conhecimento que, pela via de uma razão simbólica, «acolhe a abundância graciosa do Mistério» (p. 228).

A segunda parte deste estudo incide sobre a experiência metafísico-religiosa do Mistério e a redenção integral. Começa com um capítulo sobre «a experiência-síntese do diálogo entre a fé e a razão no analógico discurso teológico-filosófico do criacionismo». Dimas analisa aí a concepção leonardina do Mistério divino e as vias de aproximação do mesmo, desde a atemática experiência religiosa, passando pela sua depuração metafísica, até atingir a síntese teórico-existencial da participação no mistério da Graça. Uma análise muito minuciosa, em que a distinção e a relação entre estes três níveis de aproximação do Mistério aparecem profusamente versados. Segue-se um apartado sobre a acção sobrenatural da Graça, com particular referência ao significado e ao papel da Encarnação e Ressurreição de Cristo, destacando a posição cristã e leonardina de recusa de todo o imanentismo naturalista, à Bruno ou (diríamos) à Pascoaes.

O segundo capítulo desta segunda parte (cap. 5 do livro) versa sobre a orientação da realidade temporal e material para a sua espiritualização integral na Parusia, sublinhando a continuidade entre criação e redenção, natureza e graça, matéria e Espírito. É realçada a acção milagrosa da Graça no resgate do Universo, com o mistério de Cristo Redentor a garantir o seu regresso à Alegria

originária. E, bem assim, a essencial diferença entre o cristianismo e o budismo, na solução para a superação do estado de queda do mundo, que naquele remete para uma presença social de Deus na realidade temporal, em diferença deste que a resolve monisticamente pela sua reintegração no Nirvana ou no Todo.

O último capítulo é dedicado à imortalidade integral da pessoa. A Glória futura não é, platonicamente, para almas separadas, mas sim para pessoas em sua inteireza, pela espiritualização dos corpos ressuscitados. Em relação com este tema estão os da relação entre juízo particular e juízo universal e o da relação entre misericórdia de Deus e condenação eterna. Dimas analisa longamente a problemática, socorrendo-se do ponto de vista de múltiplos autores (teólogos e filósofos). Juízo, purgatório, inferno, são metáforas e são mistérios. A alma generosa de Leonardo recusa um inferno para toda a eternidade, em nome da infinita bondade de Deus e da extensão da Graça de Cristo Ressuscitado e Redentor a toda a criação, que, em definitivo, será reintegrada na Glória divina, onde todo o Mal acabará vencido pelo Bem. É uma posição com seu quê de heterodoxo, que todavia Leonardo procura justificar. Compreensível, já que os próprios teólogos têm dificuldade em abrir o fechado destes mistérios, pois tudo o que diz respeito às últimas coisas para além da morte, tudo (a própria linguagem bíblica, apocalíptica) é, de facto, altamente misterioso.

Comentário crítico? Estamos perante um trabalho de grande fôlego e de grande mérito, bem estruturado, bem fundamentado, muito cotejado com outras maneiras de ver, muito reflectido pelo autor, com uma expressão literária razoavelmente tocada de poesia e beleza. Um trabalho a reclamar, por isso, irrecusáveis felicitações. De resto, a sua apreciação global pode ser feita em termos semelhantes à que atrás foi feita para o livro anterior. Texto também com algumas imperfeições, inevitáveis umas (como em toda a obra humana) corrigíveis outras. Algumas notas breves aqui ficam, com a (pura) intenção de poderem ser úteis ao crescimento filosófico e literário de Samuel Dimas, tendo em vista eventuais trabalhos futuros. Quando escreve, p. ex., que a Graça é reconquista «em esforço e mérito» moral do homem (p. 39), fica no ar a pergunta: afinal a graça é mesmo graça ou é mérito do homem? A salvação ou redenção na perspectiva cristã, muito embora reclame a colaboração livre do ser humano, é, em si mesma, graça. Ou quando fala da «queda das criaturas no tempo» (p. 41 e *passim*), expressão que, em registo poético não ficaria mal, mas em registo filosófico reclamaria ser posta entre aspas, sob pena de ganhar sabor a platonismo puro. Algo semelhante se poderia dizer sobre a saudade de Deus no próprio interior da vida divina, uma ideia que não parece conjugável com a natureza da mesma saudade nem com a natureza de Deus. Coisas que o contexto explica, mas que, mesmo assim, convinha ter em conta no texto.

Relevando-se, embora, o estilo do autor, marcado por um certo barroquismo, com riqueza de metáforização e adjectivação, sem perder de vista a

conceptualização racional, parece-nos que seria bom, aqui e além, cuidar um pouco mais do rigor da expressão ou descodificar mais claramente o sentido da imagística poética de Leonardo em termos da sua compreensão racionalizada e criticamente ajuizada. E, para isso, cultivar uma frase mais curta e concisa, para uma escrita mais clara. Evitaria assim o estilo profuso que, entre muitos exemplos, poderia ver-se na enunciação de alguns subtítulos. É preciso lê-los ao menos uma segunda vez, para captar todo o seu significado. Coisa mais evidente ainda quando Dimas emenda ideias e frases umas nas outras num só período de dez, doze ou mais linhas sobrecarregadas de adjectivações.

Uma observação final, que diz respeito, mais propriamente, à segunda parte deste segundo livro. Tendo em conta que os grandes temas que Leonardo Coimbra aí versa e sobre os quais incide o estudo de Samuel Dimas são temas eminentemente teológicos, que relevam muito mais da fé que da razão (qualquer que seja a modalidade desta) e por isso mais da teologia que da filosofia (como quer que esta seja concebida e elaborada), teria sido pertinente um capítulo (ou introdutório ou, talvez melhor, final) de teor epistemológico, a incidir sobre a natureza e a competência de um e de outro daqueles dois saberes e como podem os dois estar em (boa ou má) relação. Com o respectivo comentário crítico às posições do filósofo em causa na base do exposto nesse capítulo. Na verdade, o autor de *A Alegria, a Dor e a Graça* – que se assumia como pensador cristão e católico – acaba fazendo teologia, embora filosófica, sobre alguns temas para os quais a filosofia estrita não tem propriamente competência. Pode apenas especular. Não sem o risco de, mesmo que sem se aperceber disso, laborar numa certa forma de gnosticismo, pela redução do estritamente mistérico ou supra-racional (apenas acessível pela via da Revelação) ao (como quer que seja) racional. Não será aqui o caso de Leonardo?

São coisas que aqui se registam em modo de correcção fraterna e sempre salvaguardando o mérito do essencial e do global deste estudo de Samuel Dimas, a quem endereçamos as mais vivas felicitações.

JORGE COUTINHO